

# Subsídios para o tema Aborto

01) Aborto espontâneo: é um termo médico para um aborto acidental

Como o nome já indica, ocorre espontaneamente, naturalmente, em decorrência de fatores vários, que às vezes escapam aos nossos desígnios. É a morte natural do bebê.

Causas físicas, psicológicas e espirituais podem originar esse tipo de aborto.

Muitas são as causas e os motivos. Dentre eles podemos citar: uma fraqueza orgânica, um tombo, um susto, a rejeição da mãe pelo espírito reencarnante, ou ainda, o próprio espírito recuando diante da prova que escolheu ou que foi escolhida para ele.

Somos espíritos milenares, com certeza trazemos marcas em nossos perispíritos que precisam ser reparadas através da vivência de algumas situações, mas, antes de procurar a causa desses abortos na vida atual. Com a prática do aborto provocado, a mulher enfraquece o útero dela e corre um risco bem grande de quando tentar engravidar, ele não conseguir sustentar o bebê.

O útero pode ser prejudicado por objetos intra-uterino como o DIU. O efeito pode surgir muito tempo depois da retirada.

O uso de drogas lícitas e ilícitas podem levar ao aborto espontâneo.

Nossos atos e as nossas escolhas trazem consequências. Sejam eles nessa vida ou em outra. Somos herdeiros de nós mesmos, e como nos disse nosso amigo espiritual Balthazar (dirigente espiritual do Celd) não há vítimas.

Bendita seja a nossa doutrina que vem para nos dar a compreensão e o alento necessário para essas situações.

Texto da apostila do Celd

---

02)

\* Aborto por razões eugênicas: é praticado para evitar o nascimento de uma criança portadora de deficiência físicas ou psíquicas.

· Meus exames constatam que o meu bebê é portador de deficiência. Não quero ter um filho deficiente.

Uma frase muito comum de se ouvir nessa situação é: “prefiro retirar ele agora a vê-lo sofrer depois”

Mas quem é que vai sofrer? É a mãe ou é o bebê que nem nasceu?

Fizemos um atendimento a uma moça que estava grávida de um bebê anencéfalo. Quando foi perguntada porque retiraria o bebê, ela nos respondeu que ele “ia morrer do mesmo jeito e que não tinha porque adiar esse sofrimento”.

Sufrimento de quem? O sofrimento do bebê não conta? Ele não é uma “bolinha de sangue”. Ele é um ser humano, é uma vida, é um filho de Deus.

Quanto ao fato de morrer, todos nós vamos morrer (desencarnar) um dia, mas não é por isso que vamos permitir que alguém abrevie a nossa vida.

Quantas pessoas maravilhosas que conhecemos e que nasceram cegas, surdas, deficientes físicas, especiais, etc... Deixamos de amá-los por serem “diferentes”?

Que bom que as mães delas não pensaram em aborto. Caso contrário estaríamos privados da companhia e do amor dessas pessoas.

Quantas crianças que nasceram “perfeitas” e, em função de terem vivido em ambientes domésticos não favoráveis ao desenvolvimento normal delas, vieram a ter sérios problemas de ordem psicológicas, motoras e de linguagem(fala)?

Se o seu filho nascesse “perfeito” e mais tarde em função de um acidente ele viesse a se tornar uma criança com necessidades especiais, você permitiria que alguém retirasse a vida dele?

O mundo está discutindo se nossos irmãos ditos “especiais” têm direito à vida.

Será que nós, os ´perfeitos`, os ´animais racionais`, temos o direito de decidir sobre a vida ou a morte de alguém?

Qual é o padrão de perfeição que usamos para julgar, condenar e executar?

Chamamos de ´especial` todo aquele que é ´diferente` do nosso padrão de comportamento ou de beleza, mas, quantas pessoas também nos consideram diferentes?

Se formos muito magros ou muito gordos, estamos fora do padrão de beleza da sociedade.

Se formos muito ativos e nervosos ou muito calmos e apáticos, estamos fora do padrão de comportamento da sociedade.

Será que alguma vez na vida, já paramos para pensar o quanto somos problemáticos?

Será que isso algum dia poderá ser considerado como uma deficiência?

As diferenças são naturais. A vida não tem um padrão. Não devemos ter um padrão para julgar, condenar e executar. Jesus é um padrão de perfeição para consolar aflitos, para esclarecer os ignorantes, para levar às pessoas a esperança de um futuro melhor. Por que não usarmos o padrão de Jesus?

Como nos sentiríamos se estivéssemos no ventre de nossa mãe, e alguém descobrisse que seríamos ´diferentes` do padrão de perfeição dela e em função disso, decidisse que não teríamos o direito à vida?

Nossa mãe sabia que teríamos dificuldades na vida, mas mesmo assim, apostou e confiou em nós, nos dando a oportunidade de provar que conseguiríamos superar as dificuldades!

Esses espíritos que estão chegando são nossos irmãos, e devemos ter para com eles o mesmo respeito e consideração que gostaríamos que tivessem conosco.

Por que tiraríamos a oportunidade desses corajosos Espíritos que confiam em nós para ampará-los nas dificuldades que certamente encontrarão nesse mundo de provas e expiação?

Tomara Deus que num futuro próximo, tenhamos um pouco da coragem deles!

---

## FILHOS COM DEFICIÊNCIA

A expectativa que toma conta do período de gestação da mulher é tão especial e admissível que justifica-se a frustração ou amargura que envolve tantos corações, quando constatarem que seus rebentos, ansiosamente aguardados, são portadores de deficiência física ou mental ou a conjugação de ambas.

Compreensíveis a dor e a surpresa que se alojam nas almas paternas, ao começarem a pensar nas limitações e conflitos, agonias e enfermidades que acompanharão os seus filhos, marcados, irremediavelmente, para toda uma existência de dependências e limitações. Quantos são os pais que, colhidos no amor próprio, fogem da responsabilidade de cooperar com os filhos debilitados? Quantas são as mães que, transformadas em estátuas de dor ou de revolta, abandonam os filhos à própria sorte, relegando-os aos ventos do destino?

Entretanto, levanta-se um enorme contingente de pais e de mães que, ao identificarem os dramas em que se acham seus filhos inseridos, enchem-se de ternura, de dedicação, vendo nas limitações físicas ou mentais destes, oportunidades de crescimento e enobrecida luta em prol do futuro feliz para todos.

O filho com deficiência geralmente é alguém que retorna aos caminhos humanos, após infelizes rotas de desrespeito à ordem geral da vida. Os filhos lesados por carências corporais ou psíquicas estão em processo de ressarcimento, havendo deixado para trás, nas avenidas largas do livre-arbítrio, as marcas do uso da exorbitância, da insubmissão ou da crueldade. Costumeiramente, os indivíduos que se valeram do brilho intelectual ou da sagacidade mental para induzir ao erro, para destruir vidas no mundo, para infelicitar, intrigando e maldizendo, reencarnam com os centros cerebrais lesados, em virtude de se haverem atormentado com suas práticas inferiores, provocando processo de desarranjo nas energias da alma, localizadas na zona da estrutura cerebral. Não só intelectuais degenerados renascem com limitações psico-cerebrais, tocados pela síndrome de Down, mas, também, os que mergulharam nas valas suicidas, destruindo o cérebro e os seus núcleos importantes sob graves distúrbios que deverão ser recompostos por meio da reencarnação. O despotismo implacável pode gerar neuroses ou epilepsias; o domínio cruel de massas indefesas e desprotegidas pode produzir os mesmos efeitos.

Os homicídios cruéis podem acarretar infortunados quadros epiléticos, produzindo sobre a rede psico-nervosa adulterações nas energias circulantes, provocando panes de frequência variada, de caráter simples ou crônico.

Seus filhos com deficiências podem estar em alguma dessas condições necessitados da sua compreensão e

assistência, para sejam capazes de superar as próprias deficiências com resignação e esforço íntimo, suplantando-se a si mesmos, rumando para Deus, após atendidos os projetos redentores da divindade.

Ame seus problematizados do corpo ou da mente, ou de ambos, cooperando com eles, com muita paciência e com ternura, para que possam sair vitoriosos da expiação terrena, avançando para mais altos vôos no rumo do nosso Criador.

Forre-se de carinho, de paciência, de tranquilidade interior, vendo nesses filhos doentes as jóias abençoadas que o Pai confia às suas mãos para que as burile.

Por outro lado, vale considerar que se você os tem nos braços ou sob a sua assistência e seus cuidados, paternais ou maternos, é em razão dos seus envolvimento e compromissos com eles. Você poderá tê-los recebido por renúncia e elevado amor de sua parte, mas pode ser que você esteja diretamente ligado às causas que determinaram os dramas dos seus filhos, cabendo-lhe não alimentar remorsos, mas, sim, auxiliá-los e impulsioná-los para a própria recomposição, enquanto você, igualmente, avança para o Criador.

(Do livro 'Nossas Riquezas Maiores', pelo Espírito de Thereza de Brito, cap 44, Editora Fráter Livros Espíritas)

---

Aborto necessário ou por razões terapêuticas: É praticado quando a gravidez apresenta risco de vida.

Ex: 'Eu não posso levar a gravidez adiante pois meus exames indicam que eu corro risco de vida!'

No caso de real risco de vida, em O Livro dos Espíritos, encontramos a devida orientação para essa situação na questão 359.

P: No caso em que a vida da mãe esteja em perigo pelo nascimento do filho, existe crime ao sacrificar a criança para salva a mãe?

R: é preferível sacrificar o ser que não existe a sacrificar o que existe.

Não existe aqui tem o sentido de não nasceu ainda. Isto foi colocado desta forma pelos Espíritos para que entendêssemos, porque naquela época – 1857 – não era inda de conhecimento geral a vida plena da criança dentro da vida da mãe, pois a medicina ainda não tinha avançado no campo da fetologia. Foi muito difícil para as pessoas aceitarem como verdade o Espiritismo, e como muitos de nos precisamos ver para crer... Nem todas as verdades nos foram mostradas naquela época.

Há pessoas que, em função de serem portadoras de alguma doença crônica, como por exemplo hipertensão, usam esta questão de O Livro dos Espíritos, para justificar perante a sua consciência o porque de ter praticado um aborto. Cientes de que aquele espírito poderá reencarnar mais tarde através ou de outra pessoa, e de que os espíritos têm consciência desse fato, acreditam que eles não têm por que culpá-la por ter adiado a gestação.

Afinal, aquele não era o momento certo. Sou uma pessoa doente e eles sabem disso.

Quando os espíritos trouxeram até nós esta questão, foi com a intenção de nos orientar a respeito de que atitude tomar, quando estivermos perante uma situação de real risco de vida para a mãe. O que é bem diferente de estarmos frente a frente com uma situação na qual supomos que exista um risco de vida.

Era natural que a muitos anos atrás a gestante com mais de 35 anos fosse considerada como tendo uma gravidez de risco. Com o avanço da medicina, com os recursos hoje existentes, o que é o real risco de vida para a mulher?

Será que a mulher for portadora de diabetes ou hipertensão o médico pode garantir que ela vai morrer por estar

grávida? Fumar, beber, usar drogas, comer demais, se auto-medicar, etc. também não podem acarretar risco à vida? em função do avanço da medicina, diminuiu cada vez mais a possibilidade de haver uma gravidez realmente de risco. Precisamos ressaltar aqui também que muitas vezes erradamente se considera risco de vida para a mãe o fato da criança ter uma má formação fetal. O fato dela estar grávida de uma criança especial não constitui por si só um risco de vida para ela, pois quem está com dificuldades é o bebê e não a mãe.

O Dr. Emilio Mastroianni, professor da Escola Paulista de Medicina, nos dá uma orientação a respeito de aborto terapêutico no livro 'Aborto. O Direito do Nascimento à vida'

'A minha longa experiência trabalhando há mais de 30 anos, seja na clínica do hospital-escola, seja na clínica particular, individualmente e em equipe, posso afirmar que os progressos atuais das ciências medicobiológicas são de tal porte que dão ao médico assistente uma plêiade de recursos que praticamente aboliram do arsenal obstétrico a indicação para abortamento terapêutico. Se algumas vezes o obstetra se encontra a braços com problemas que o fazem pensar nessa indicação, deverá considerar novamente toda a problemática, pois que, provavelmente, será a falta de recursos próprios ou excesso de orgulho pessoal que o impedem de recorrer a especialistas que poderiam ampará-lo terapêuticamente, para resolver um caso clínico complicando uma gravidez ou uma gestação que se instala numa paciente doente, e assim em vez de apela simplesmente pela interrupção da gestação, terá meios de levá-la a bom termo, ou mesmo em casos excepcionais aos limites da viabilidade, e assim poderá ter cumprido um preceito hipocrático do juramento que o obriga sempre a tentar salvar uma vida e que não usará de seus conhecimentos para facilitar o crime ou perverter os costumes.'

### A vida da mãe

'Em alguns casos, a vida da mãe pode estar em perigo, se continuar a gravidez. Um desses casos é o da gravidez ectópica. Esta ocorre quando o óvulo fecundado não desce até o útero, mas se implanta nas trompas de falópio e ali começa a desenvolver-se. O embrião não tem chance de crescer, até a viabilidade, e no decurso de seu crescimento, causará ruptura, com hemorragia, pondo em risco a vida da mãe. No presente estado da medicina, somente a remoção cirúrgica do feto pode salvar a vida da mãe. Aqui, temos o caso de escolha entre duas vidas humanas. Somente a vida da mãe pode ser salva. Seria irrazoável não remover o embrião e deixar que ambas as vidas perecessem. A lei moral é racional e nunca nos obriga a fazer algo que vá contra a razão.

Avanços na pesquisa da obstetrícia eliminaram muitos casos dramáticos em que havia um conflito claro entre a vida da mãe e a do feto. As operações cesarianas se tornaram uma rotina, e são usadas sempre que se prevê dificuldades em o nascimento. Elas têm reduzido, grandemente, o dilema de sermos forçados a escolher entre duas vidas. Se, no entanto, houver casos em que, numa boa medicina, não se pode salvar ambas as vidas, o princípio ético permanece válido, a saber, é melhor salvar uma vida do que deixar morrer ambos os seres humanos.

O conflito entre as vidas da mãe e do feto não é, porém, o problema controverso no debate do aborto. A maioria dos abortos são realizados, não para salvar a vida da mãe, mas para alcançar qualquer outro valor humano que se opõe, de alguma forma, à gravidez.'

Quem sabe o avanço da medicina nos trará a solução para a atual falta de viabilidade de uma gravidez iniciada de forma ectópica, com o transplante do bebê para o útero? Tantas coisas nos pareceriam impossíveis antes de serem realizadas: a ida do homem à lua, os submarinos indo ao fundo do mar, etc. Estamos na era da informática. O que até cinquenta anos atrás era pura ficção, hoje é realidade.

Texto da apostila do CELD

---

### 03) retirados de diversos locais na internet

Sempre que o assunto sobre onde começa a vida, e, se o aborto é ou não certo é colocado na sociedade, todos entram em calorosos debates, cada um com sua particularidade, sua cultura, seus medos, mas todos com um único interesse: proteger a vida e usar o fluido vital para nutrir e dinamizar vidas.

Ora, antes de tecer comentário sobre a questão de valor, ou seja, de certo ou errado, coloca-se a leitura que os estudos espiritualistas informa, é que a vida existe em qualquer nível e em qualquer célula, enfim, há fluido vital em tudo que existe, até mesmo na mesa de madeira, a qual mostra seu fim/começo quando é transformada em alimentos para microorganismos vivos, o que se chama de apodrecimento. Também, quando se come uma fruta, mata-se uma vida para nutrir outra. Ao pisar no solo, pisa-se matando milhares de vidas invisíveis. A diferença

portanto, está na forma de vida, não na morte, mas na transformação da forma de vida, no caso em análise, a vida na forma humana..

Em se tratando da forma de vida humana, a questão não é de valor, ou seja, pode-se ou não matar a vida, e, se é certo ou errado, aí é uma questão de direito, ou seja, só quem pode tirar a vida é quem a criou. Qualquer um mata, mas não é do direito, este só Deus a possui, portanto a questão de valor entra na dinâmica da consciência que a cultura coloca como certo ou errado de acordo com o nível de evolução de cada sociedade. Porém, em se tratando de pesquisas que beneficiam outra vida, aí não é matar, mas transformar. Aliás, como todo espiritista, não acredito em morte física, mas em transformação de uma forma em outras formas de vida. Por exemplo, o cadáver se transforma em microorganismos vivos que, por sua vez irão ser utilizados para criação de novas formas de vida humana, pois a mãe irá nutrir de alimentos da terra, os quais, são nutridos por estes microorganismos. É uma cadeia em movimento, porque o fluido vital é que importa, embora as formas de vida sejam importantes e devem ser respeitadas. Aí é que entram as questões éticas: o que e como fazer com as formas de vida.

Se a ciência e as religiões estudassem o fluido vital, veriam que Deus brinca com o fluido cósmico, como nós com as massas de modelar, porém, com a responsabilidade que Lhe é característica. Então, o foco deve estar na responsabilidade de utilização das formas de vida e não na proibição de pesquisar métodos que sirvam de ajuda a outras vidas. Embora compreendo as religiões, porque nem todos os homens têm a consciência de Deus, gostam de experimentar de qualquer jeito, muitas vezes a vaidade entra em ação e se perde em labirintos de informações penosas, descobrem armas prejudiciais à vida, que ao invés de nutrir vidas, extinguem, como com a criação da bomba atômica. Aí sim, é a falta de controle que deve preocupar.

Em relação ao aborto, deve-se entender o mesmo, pois o fluido vital existe nas células, nas mesmas há uma inteligência primitiva, sem expressão verbal, senão o espermatozóide não nadaria e não concorreria com os demais, pois não pode haver movimento se não houvesse vida, porém, sabe-se que no momento da fecundação o que atua é a lei de afinidade entre as células, senão, por que só um ou dois conseguem chegar ao óvulo? É a lei química e física em ação. Agora, se deve ou não fazer aborto, aí é uma questão que envolve o direito e o livre arbítrio, ou não de matar. Deus mata porque criou a vida e tem esse direito. E nós não temos? Porém Deus, dá a cada um e a cada sociedade o livre arbítrio e responder por nossos atos perante a própria vida.

Portanto, cabe a cada mulher decidir se quer ou não fazer o aborto e responder pelo seu ato, e, não ao Estado ou a Religião. O Estado não deve nem legalizar e nem proibir, apenas dar a mulher a liberdade de escolher, informar os riscos e proporcionar a massificação da educação da relação sexual dentro do âmbito familiar e nas escolas, pois existem mães que, por falta dessa educação, não se sentem a vontade para falar com os filhos sobre sexo, devido a cultura religiosa que a sociedade conhece. Na maioria das religiões falar em sexo era pecado, ao invés de informar que sexo é de ordem divina e que através deste, Deus proporcionou a nossa forma humana, e para não ficar chato, junto proporcionou o prazer, até mesmo para quem não pode procriar. O não poder procriar por muitas mulheres e homens, tidos como inférteis pelas leis naturais, já significa que na lei de Deus não há imposição, há liberdade de escolha.

Enfim, abaixo a proibição, sim a massificação da educação da relação sexual e a liberdade de escolher, e, que os cientistas e as mulheres, tenham bastante consciência e sejam respeitosos com as leis naturais do Universo para o bem deles próprios e da evolução moral dos habitantes do Planeta Terra.

--

Autor: Carlos Beltrao- Participa desde: 09/10/2006 Este é um assunto bastante intrigante, pois quando se fala em vida entra-se no campo, também, da religiosidade e que tem por detrás dela a Igreja Católica e algumas outras derivadas do Cristianismo.

A ciência teve um entrave no passado bastante relevante, todos sabemos disto pois pesquisadores tais como Galileu, foram impedidos de divulgar suas ideias, coisas que contrariassem aos conceitos da Igreja Católica, foram motivo para perseguição e condenação nos tribunais da Santa Inquisição.

O conhecimento, naquela Idade de Trevas era algo demoníaco, coisa a ser execrada, infelizmente muitos concordavam com este estado de coisas e muito se perdeu em conhecimento, com a destruição de conhecimentos de civilizações extintas e de pesquisas de homens de vanguarda para aquelas épocas. Estranhamente alguns destes pesquisadores viviam lado a lado com a Igreja Católica, tal como Leonardo da Vinci e não sofriam reveses.

A questão do começo da vida é algo complexo, pois no meu entender, ela é anterior ao homem físico, pois quando consultamos as Escrituras Sagradas, vemos que O Criador "...sobre o espírito da vida em sua criação..." logo a matéria não representa a vida em si, algumas passagens da vida pública de Jesus, mostra o poder do Filho de Deus sobre a matéria, assim foi na ressurreição de Lázaro, onde Ele fala aos amigos do falecido "...não vos perturbei, ele apenas dorme..." feito isto Ele pede ao Pai que "...manifeste o Seu Poder..."

Ora se o Criador, para fazer a mulher companheira do homem, "...lhe retira uma costela..." estamos diante de um fato que prova ser esta matéria algo que permite a manipulação, pois assim foi no instante da criação. Portanto proibir a pesquisa com células tronco, pesquisa com embriões e assemelhados, além de proibir a transfusão de sangue, como em algumas religiões o fazem, é no mínimo, um retrocesso neste avanço que foi obtido pelos pesquisadores neste últimos tempos.

É preciso dar espaço para a Ciência, deixar que as respostas para coisas que dependem da pesquisa, aconteçam, que seja possível ajudar a quem necessita, pois o homem não foi feito para ser vencido pela doença, o Criador não nos fez imperfeitos, nem tão pouco Ele tem interesse em que sofremos com problemas que podem ser resolvidos com a capacidade que Ele nos deu, lembremo-nos das palavras do Mestre dos Mestres: "...não vos admirei das obras que faço, pois sois capazes disto e muito mais, pois o Reino de Deus está dentro de vós mesmos..." .

Isto por si só já basta, pois se o Reino de Deus está dentro de nós, somos capazes de muito mais, somos capazes de avançar nas pesquisas, curar os males herdados, melhorar nosso meio ambiente, dar melhores condições a humanidade e ao mundo por fim.

Colocar em debate este tema, é algo que deve ser feito pelo campo da ética, levar adiante o tema com o cuidado

em nao ultrapassar os limites da honradez com o ser humano, Igreja nao pode combinar, muito, com Ciencia, sao os extremos de um problema, os pesquisadores devem guiar-se pelas regras do que e´ correto, pois e´por isto que existem as leis e assim creio que a humanidade tem muito a ganhar.

--

## COMO SURGE A VIDA?

De maneira geral, em todos os idiomas do mundo conhecido, existem as palavras "substantivas", as que identificam a coisa concreta, traduzindo significado por si sós. "Vida"... é uma destas palavras...

Autor: jose antonio pereira mayo Participa desde: 02/10/2006

A palavra "vida", enquanto substantiva e genérica, é, na definição dos dicionários, "um estado de atividade incessante, comum aos seres organizados", ou ainda "o tempo que decorre entre o nascimento e a morte", ou ainda mais, existência, modo de viver, conduta, fundamento, origem... tendo, além destes, muitos outros significados e empregos no seu uso cotidiano.

Creio que, de interesse para o presente debate, as duas primeiras definições apontadas sejam as que devam nortear o nosso pensamento. Não porque sejam corretas, que não o são, mas porque mais abrangentes e apropriadas ao desenvolvimento do tema aqui suscitado.

Da primeira definição podemos abstrair que, por ser a "vida", em si mesma, "um estado de atividade incessante", e mais, "comum aos seres organizados", seria a vida algo que permeia os seres organizados, mas não se distingue dos mesmos e nos mesmos, manifestando-se nesse "estado de atividade incessante".

Este conceito não "fecha" porque, se a vida é "comum" a todos os seres organizados, bastaria que o "ser" permanecesse organizado e, preenchido esse critério, seria imperecível, já que sustentado em "um estado de atividade incessante". Não é o que se vê; seres vivos perecem, perdem a condição de "vivos" ainda enquanto organizados, portanto a "vida" não é "um estado de atividade incessante", nem é "comum aos seres organizados", e ponto! Tem algo mais aí.

Diz o segundo conceito, que a vida é "o tempo que decorre entre o nascimento e a morte"... É um modo de ver, mas para aproveitá-lo teríamos que definir o que é "nascimento", num sentido bem mais amplo do que "ser trazido à luz", para que melhor se pudesse empregar este conceito.

O nascimento é um fato biológico que ocorre após o longo processo de formação do nascituro e todo esse processo, a gestação, não pode ser eliminado do conceito do que seja "vida", porque vida é, e quanto a isto não resta qualquer dúvida, salvo melhor e muito pouco provável juízo.

Não fosse a ciência, bastar-nos-iam estas "aparências externas" do que seja o fenômeno da "vida" para que gastássemos quilos-e-quilos de sanduíches e litros-e-litros de bebidinhas agradáveis (coca-cola pra quem é de coca-cola) sem que chegássemos a um conceito definitivo da vida em tudo o que ela significa e talvez, depois de séculos nessa "festinha", chegássemos à conclusão de que a vida é...

...INCOMPREENSÍVELMENTE MARAVILHOSA!

A vida é um milagre, se não único, muitíssimo raro, ainda que consideradas as possibilidades do Universo. A vida "como a conhecemos" pode ser a única maneira de expressão de vida, quanto ao modo e não quanto às formas, em todo o Universo, o que não impede que possa surgir vida, como surge a luz a ou surgem os raios, desde que o ambiente, em qualquer lugar do universo que esteja, reúna as condições para tal.

Hoje, em alguns ambientes criados em laboratório, já é possível sintetizar moléculas "orgânicas" (que na natureza somente são produzidas por seres vivos, não tendo ocorrência espontânea) partindo-se de "caldos" de substâncias minerais inertes, que reproduzem, se não com fidelidade, em boa parte, as condições dos nossos mares primevos. Mais ainda, os nossos cientistas já são capazes de "criar" ácidos nucleicos de cadeia curta, tipo RNA, que exibem condições de, em ambiente adequado, até se "duplicar", isto é... "FUNCIONAM"!

E aí chegamos ao "gênesis", à origem da vida, ao seu início...

Pelo que hoje se conhece, supõe-se que, se por caminhos aleatórios e circunstâncias naturais, um astro reúne as condições energéticas e minerais necessárias, inclusive e fundamentalmente a presença de água e atmosfera, em algum momento da sua evolução poderá iniciar-se o fenômeno da "vida". Do que os teóricos pleiteiam, esse início se daria com a formação de tempestades atmosféricas, em que as chuvas e os ventos e mesmo os raios, fossem capazes de agir sobre a crosta mineral do planeta, dissolvendo-a. Essa crosta dissolvida seria arrastada pelas enxurradas, sob força da gravidade, indo agregar-se, nos planos mais baixos da superfície do astro, às coleções líquidas, carregadas de solutos, que já ali estivessem, formando os mares.

Quando a concentração de solutos atingisse nível crítico e a solução fosse atingida por tempestades elétricas, teria

início, mercê dos elementos constitutivos desse "caldo", a formação de novas moléculas, substâncias neoformadas, aleatoriamente, antes não presentes naquela natureza. Dentre essas substâncias neoformadas, algumas incorporariam o elemento carbono e, a partir desse momento, teria aquele ambiente iniciado o "ciclo do carbono", base de toda a vida que conhecemos.

Por meio desse simples mecanismo de concentração e reação, supõe-se, ao longo dos séculos e das eras foram surgindo as mais diversas moléculas "orgânicas" sendo que, as "estáveis" tenderiam a depositar-se e as "reativas" tenderiam a permanecer em solução, originado mais e mais moléculas e mais e mais novas substâncias a cada novo ciclo da natureza.

Em meio a essas reações aleatórias, agora mais ou menos favorecidas, ou inibidas, pelas próprias concentrações na solução e pelo quantum de energia de ativação proporcionado pela temperatura ambiente e pelas tempestades elétricas, surgem "bolsões de excelência" para determinadas reações, frente a que, dada a grande superfície dos mares, em determinado "quadrante" dessa solução, a concentração de determinadas substâncias seria suficientemente diferente dos demais para que, diante de uma mesma variação da entalpia, as reações químicas favorecidas não fossem as mesmas.

Estariam aí criadas as condições para as reações químicas "em etapas", permitindo a formação de substâncias mais complexas, como aminoácidos e bases purínicas e, finalmente, proteínas e ácidos nucléicos.

Acrescente-se a essa "sopa" o tempo, a oportunidade, os acasos que se repetem pelo volume da "experimentação" e teremos que A VIDA SURGE DA ENTROPIA, da saudade que a Natureza tem do seu estado anterior, fazendo com que "gaste" todo o seu engenho e toda a sua energia para tentar retornar ao princípio, neutralizando a variação da entalpia que originou o "primeiro movimento". Nesse caminho, às vezes "se perde", podendo até mesmo gerar VIDA como subproduto desse re-envolvimento.

--

### **A vida não "começa", apenas se reproduz para, assim, perpetuar-se.**

A "vida", como a conhecemos, é um contínuo no tempo, que rebrota e se perpetua dentro da sua própria existência e que se extingue com a morte, tendo fim sem ter começo...

Autor: jose antonio pereira mayo Participa desde: 02/10/2006

A tentativa de "definição", exposta no resumo, tem base em que da matéria morta, mesmo que de origem biológica, não se forma vida; apenas os seres vivos, celulares ou não, têm capacidade de reprodução. Para que possam se reproduzir, no entanto, não basta a integridade "física" dos seus sistemas, não basta a integridade "material"; é fundamental a integridade "funcional" dos seus sistemas ou, mais poeticamente, que o fluxo de "energia vital" esteja íntegro, que o ser esteja vivo, para que possa reproduzir-se.

Com toda a ciência de que hoje dispomos e embora já tenhamos desvendado boa parte dos segredos biológicos, embora já sejamos capazes de manipular genes e, mais recentemente, sejamos capazes de formar moléculas "biológicas" a partir de matéria inerte, nenhum centro de excelência foi capaz de anunciar que tenha dado "início" a qualquer processo vital, mesmo que ínfimo, mesmo que unimolecular, sem contar com uma "matriz" biologicamente viável, para o seu início.

Do exposto, perguntar "quando começa a vida" é uma antilogia, porque se a vida só começa da vida, não começa, recomeça, pois já havia começado antes de recomeçar e... o círculo não fecha, porque necessariamente não se extingue uma vida para que comece a outra e, assim, a "vida" perpetua-se no tempo, é eterna, perecíveis são os seus portadores, os seus invólucros mortais.

No que se refere às células embrionárias, discutir se são "vivas" seria tolice, logo, o que discute não é essa "vida", patente na sua integridade funcional, na sua capacidade reprodutiva e mesmo na sua unicidade biológica, que as distingue, já na concepção, de todos os outros seres vivos do planeta, mesmo daqueles com os quais possua absoluta identidade genética pois, os clones, tal como os gêmeos, são "pessoas" tão diferentes quanto quaisquer outras duas da espécie, tendo de comum apenas os genes, não as "pessoalidades".

De que "vida" falamos então, quando nos fazemos essa pergunta, e de que "começo"? Creio que não seja da definição biológica (perdão pela redundância) da vida em si mesma, mas sim da definição do seja "vida humana" e, aí, implica numa definição de muito maior abrangência...

A vida se reproduz, não só mas também, pela fecundação, entendida como a união dos gametas dos seres sexuais, dando origem a um ovo. Este ovo, a princípio célula única, tem o potencial de também se reproduzir, mas já não por fecundação e sim por duplicação dos seus elementos constitutivos, dando origem a duas células idênticas. Estas células continuam o processo reprodutivo, dando cada uma origem a outras duas e, ao final de algum tempo, formam uma massa amorfa, arredondada, a quem demos o nome de "mórula" por se assemelhar a uma amora, fruto da amoreira.

Numa fase posterior, as células do "interior" da mórula, provavelmente as que iniciaram o processo, migram para a superfície, deixando o interior da mórula "vazio", vazio este ao qual se deu o nome de "celoma", como se as células da mórula, ao migrar para a superfície, passassem a ser as "paredes" de uma pequena cela, surgindo daí a primeira organização (didática) do processo embrionário, definindo o espaço interno do futuro embrião, que se desenvolverá no celoma, do espaço externo que se desenvolverá na superfície.

A partir daí começam a invaginação da superfície "para dentro" do celoma, a formação do "tubo" neural e a organização das células em tecidos que, a princípio, são definidos conforme a posição que ocupam no embrião entre ectoderma, endoderma e mesoderma, também chamados "folhetos embrionários", que darão origem, na sua diferenciação, a todos os tecidos e órgãos do futuro "corpo", já na fase fetal.

A fase fetal inicia-se, portanto, ao final da fase embrionária, o que significa dizer que o novo ser já está formado, com todos os seus órgãos e sistemas, necessitando, no entanto, desenvolver-se. Na maioria dos mamíferos esse desenvolvimento se faz, em boa parte dentro do útero da fêmea, em alguns, como os marsupiais, há uma segunda fase de desenvolvimento fora do útero, em uma bolsa abdominal externa que caracteriza esses gênero, sendo a espécie mais emblemática o canguru.

A breve e truncada recordação da embriologia dos mamíferos, descrita nos três parágrafos anteriores, traz em si a realidade de que, nesta fase, embora tenha se desenvolvido todo um processo de "vida", não se pode dizer que seja um processo "humano", porque comum a todos os mamíferos da natureza, inclusive ao homem, portanto, é um processo em que, sendo os gametas da espécie humana, promete como resultado um ser humano, se chegar a desenvolver-se, mas em realidade ainda não o é; é apenas o seu projeto, em evolução.

Então, quando começa a vida humana? A vida que se reproduz na fecundação (e é na fecundação que esta reprodução tem início, mas não a vida) não atende a este conceito mais amplo; não atende porque não é distintiva em si mesma, é comum a todos os mamíferos na sua fase embrionária, não preenche esse quesito emblemático que se traduz na "humanidade", é meramente um processo biológico.

Eu proporia que a "vida humana" começa na consciência. Não na consciência do nascituro, que não a tem, mas sim na consciência dessa gestação pela mãe humana. É nesse momento, no momento em que a mulher toma consciência da sua gravidez, que começa a "construção" do futuro ser humano, com o "plus" que o distingue da sua forma animal, que surgirá da interação entre a mãe e o seu nascituro, ambos sujeitos às necessidades um do outro, suprimindo-se não só de hormônios, mas também de afeto.

Esse ser humano em formação, agora distinguido pela consciência humana da sua mãe gestante, é que é o "sujeito de direito" a quem se refere o nosso ordenamento jurídico, e não poderia ser de outro modo. Senão vejamos:

- A mulher que não sabe que está grávida e, por desconhecer o fato, toma medicamentos ou adota práticas, ou hábitos, que venham a prejudicar essa gestação já em curso, comete crime ou incorre em erro? Pode-se-lhe atribuir culpa pelas consequências que possam advir a uma gestação que desconhece, por hábitos que tenha ou atitudes que venha a tomar, diante desse desconhecimento?

Por argumentos que tais, reitero: A "vida humana", em seu conceito completo, não pode prescindir da consciência da mãe humana de que está gestando e o seu nascituro está em desenvolvimento. Antes disso, o embrião é apenas "fruto da saudade que a vida tem de si mesma", como diria, poeticamente Kalil Gibran.

--

**[Direitos\_Humanos] Cientista que diz não saber quando inicia a vida humana está mentindo!**

Cristiane Rozicki  
Fri, 12 Jan 2007 15:28:56 -0800

<http://www.brasilsemaborto.com.br/artigosvisual.asp?id=51>

Cientista que diz não saber quando inicia a vida humana está mentindo!



Biomédica, doutora em Biologia Molecular pela UNIFESP, pesquisadora com células tronco adultas, autora do livro Guia Prático e didático de Biologia Molecular e do capítulo: "Porque não às células tronco embrionárias?" do livro Direito Fundamental à vida do Dr Ives Gandra Martins e coordenadora do curso do CAS de células tronco ([www.cascursos.com.br](http://www.cascursos.com.br))

A euforia já acabou, pois se constatou que o genoma humano foi uma ideologia que custou 5 bilhões de dólares e não resultou lucro imediato para a indústria farmacêutica que mais investiu neste "avanço tecnológico". Os que esperavam "brincar de Deus" melhorando a Sua obra estão desapontados. Foi só ilusão porque o determinismo biológico ou genético não existe. O dogma um gene-uma proteína não é verdade. Além do mais a participação do meio na expressão do gene é importantíssima. Após 2002, quando o genoma humano foi completado verificou-se a necessidade de se estudar como o meio intervém na expressão dos genes: a epigenia. Dos 100.000 genes se reduziu à 20.000 a 30.000 genes humanos. Terapia gênica só para doenças com alteração em um gene, no caso de ser multigênicas não é solução. Por outro lado não se consegue dirigir onde o vetor (um vírus) vai se inserir no genoma e como sempre é acompanhado de um promotor, corre-se o risco deste se localizar junto de um oncogene (gene promotor de tumor). Esta é a explicação para o aparecimento de leucemia nas crianças que receberam esta terapia para restaurar sua imunidade. Existe ainda outro problema que é o da introdução de uma proteína estranha no organismo com a terapia gênica levando à reação imunológica.

O Cientista que diz não saber quando inicia a vida humana está mentindo.

Qualquer texto de embriologia clínica (ou humana) afirma que se inicia na concepção. Em 1827, com o aumento da sensibilidade do microscópio, permitindo visualizar o óvulo e os espermatozóides, Karl Ernst Von Baer descreveu a fecundação e o desenvolvimento embrionário. Os médicos europeus, frente tais evidências, passaram a defender o ser humano desde a concepção, contra o aborto. Em 1869 a Inglaterra foi o primeiro país a tornar o aborto ilegal. O Papa Pio IX, também em 1869 aceitou que o fato de que a vida humana se inicia na concepção. É um fato científico e não um dogma da Igreja Católica ou de qualquer religião. Para não dizer que está ultrapassado os embriologistas, em 2005, afirmam não só que a origem do ser humano se dá na fecundação como, do ponto de vista molecular, a primeira divisão do zigoto define o nosso destino.

Tem de ficar em alerta. Continuo tendo em vista que existem interesses econômicos fortíssimos para que embriões humanos sejam utilizados em pesquisa. Hwang, o "cientista" fraudulento, recebeu 40 milhões de dólares para desenvolver tais pesquisas. Até agora não se conseguiu clonar o ser humano e o cão porque as proteínas que vem na organela do espermatozóide, o acrossoma, são fundamentais para a divisão adequada do zigoto. Além do mais deve existir compatibilidade entre o núcleo celular e as mitocôndrias, organelas celulares importantíssimas para a sobrevivência das células.

Numa sociedade materialista em que os valores morais desapareceram, tem-se a desvalorização da família, intensificou o utilitarismo, vive-se na ditadura do neoliberalismo. Temos de usar todos os meios, todos os canais que nos abrem para INFORMAR nosso povo, alertá-los das mentiras. Um aborto custa entre 1000 a 2000 reais. Sempre temos o poder econômico corrompendo nossos ministérios. Nosso povo tem de exigir que este dinheiro tem de ser aplicado em melhor atendimento no SUS, em saneamento básico, em melhoramentos de sua condição de vida. O que nosso povo quer é educação, saúde e emprego, mas o dinheiro de nossos impostos estão sendo mal empregados.

Dr. Bernard Nathanson e Andrew Goliszek informam o que existe por trás do poder econômico, extremamente forte em favor do aborto. Dr. Nathanson diz que o aborto custa 300 dólares e Goliszek dá uma lista de preço de pedaços de feto humano onde o cérebro de um bebê de 8 semanas custa 1000 dólares. Na Rússia tem mulher que engravida para vender seu feto por 50 dólares à indústria de cosméticos.

Em 16 de dezembro de 2002, Mayana Zatz e Lygia Pereira vieram à reunião da CTNBio com o propósito de juntar clonagem terapêutica e utilização de embriões humanos em pesquisa nesta lei de Biosegurança. A Dra Alice Teixeira Ferreira e eu apresentamos argumentos contrários irrefutáveis mostrando que tudo o que elas propunham podia ser realizado com CTs adultas. Apresentei como exemplo os resultados do Dr. Radovan Borojemic. O único argumento delas foi então que queriam pesquisar as células embrionárias humanas. Dra Maria Celeste, advogada, disse ser inconstitucional esta carona legislativa e que nossa constituição garantia os direitos do ser humano à vida desde a concepção. Mayana e Lygia retrucaram que o embrião era um amontoado de células qualquer. Retruquei que não era verdade, que era um sistema muito bem organizado que diferentemente de uma cultura de células dava origem à um ser humano completo. Aí começou a história que meu argumento era religioso.

Este projeto foi para a Câmara que retirou o artigo 5 e enviou para o Senado a lei de Biossegurança. Mayana e Lygia tendo a FAPESP como aliada foram ao Senado e tiveram Eduardo Campos, Ministro de Ciência e Tecnologia, como aliado; conseguiram incluir novamente o artigo 5, mas excluindo a clonagem terapêutica e incluíram embriões humanos congelados por mais de 3 anos. Afirmavam que estes não eram mais viáveis e iam ser jogados no lixo. Mayana liderou o movimento ?Cura ou Lixo? e com ajuda do banqueiro Salles levou ao Congresso no dia 28/2/05 mais de 300 deficientes físicos de todas as idades que lá montaram um ?circo?, onde crianças de cadeiras de roda se atiravam sobre os parlamentares implorando a aprovação da Lei de Biossegurança, em particular o artigo 5.

O então Presidente da Câmara, Severino Cavalcanti nos recebeu muito mal e não quis dar ouvidos aos nossos argumentos. Quem liderava nossa comissão era D. Odilo Pedro Scherer, da CNBB. Na ocasião, entreguei mais de 1000 assinaturas de médicos e cientistas que eram contra a utilização de embriões humanos para a pesquisa. A mídia estava do lado da Mayana e o Severino queria cartaz, por isto foi bastante solícito com a Mayana e companhia, aparecendo no JN da Globo, sorridente, no meio deles.

Vendo isto às 20:15 de 1/3/05 já contava que meus esforços em 2/3/05 seriam em vão. Em 2/3/05 na reunião das 14:00hs com os nossos aliados e o ministro de CT, a Patrícia Prank não respondeu meus

argumentos e abandonou a reunião. Eduardo Campos disse que uma vez aprovada a Lei de Biossegurança, e sua aprovação era certa, viria investimento externo. Que tinha-se demorado muito sua aprovação. Lygia confessou no programa Roda Viva que a matéria não havia sido devidamente discutida no Congresso por desinteresse dos parlamentares. Disse também que quando lá esteve para dar esclarecimentos só havia 4 parlamentares e no fim de sua exposição sobrou apenas o deputado que havia a convidado. Nunca fui chamada por ter opinião contrária. Só no dia 2/3/05. Aliás, foi inesperado também a colocação em votação desta Lei, pois havíamos solicitado uma audiência pública para apresentarmos a verdade dos fatos e devido este afogadilho, tal não ocorreu.

Uma vez aprovada a Lei de Biossegurança, no dia seguinte havia 2000 pacientes querendo ser cobaia para a prometida cura com CTs embrionárias humanas. Mayana declarou que se tratava de um mal entendido divulgado pela mídia, pois ela queria a liberação da pesquisa com embriões humanos. Dr. Cláudio Fonteles, quando era Procurador Geral da Justiça, ao saber numa entrevista que fiz na Rede Vida de televisão o quanto nossa posição foi discriminada pela mídia, convocou-nos para elaborar a Ação de Inconstitucionalidade desta Lei (ADIN). Acreditamos que após o fiasco do sul-coreano existe grande possibilidade de ganharmos a causa.

Pelo menos temos agora parlamentares se movimentando e espero que não aconteça o que ocorreu com a Lei de Biossegurança. Vê-se que a tática tem sido a mesma: audiência pública só com os favoráveis ao aborto e carona num projeto em andamento. Tem o MS favorável também. Infelizmente, há o poder econômico corrompendo nossos parlamentares.

---

## **Cientistas rejeitam conceito de «pré-embrião» e defendem o mesmo «estatuto biológico» que para o humano adulto**

VALÊNCIA, segunda-feira, 11 de dezembro de 2006 (ZENIT.org-Veritas).- Mais de 200 cientistas e professores universitários tornaram público nesta segunda-feira um manifesto no qual mostram sua discrepância com alguns dos conteúdos do Projeto de Lei de Pesquisa em Biomedicina, que se debaterá na próxima quinta-feira no Congresso dos Deputados da Espanha.

O manifesto -- promovido por Luis Franco Vera, da Real Academia de Ciências Exatas, Físicas e Naturais e catedrático de Bioquímica e Biologia Molecular da Universidade de Valência -- foi firmado por 14 acadêmicos, dois cientistas premiados com o Prêmio Jaime I, 39 catedráticos universitários e mais de 150 pesquisadores e professores.

Em primeiro lugar, segundo informa Veritas, e «desde um ponto de vista estritamente científico», afirmam que «não têm sentido as distinções semânticas como a que se introduz ao chamar pré-embrião o embrião obtido por fecundação in vitro».

Os cientistas assinalam que há dados que tornam "inadmissível desde um ponto biológico identificar o embrião como uma simples massa de células, nem sequer nos dias anteriores à sua implantação", e acrescentam que o embrião é «um organismo individual da espécie Homo sapiens, certamente em estado incipiente de desenvolvimento, mas não por isso merecedor de um estatuto biológico distinto do adulto».

Sobre o uso terapêutico de células-tronco, querem evitar a «criação de falsas esperanças no uso de células-tronco de origem embrionária», já que «essas células não deram lugar até agora a aplicações realmente terapêuticas em seres humanos».

«E mais -- acrescentam -- a elevada taxa de proliferação das células embrionárias provoca, em mais de 60% dos animais em que se implantam, a aparição de tumores.»

Contudo, apostam pelo emprego das células-tronco de origem adulta, que «deram lugar já ao tratamento de mais de 70 patologias humanas de diverso tipo e são numerosos os protocolos de experimentação clínica em andamento, com resultados promissores em muitos casos».

Enquanto «são 544 os protocolos que utilizam células-tronco adultas, não se apresentou nenhum com células de origem embrionária», apontam.

Finalmente, fazem «um chamado para que a discussão científica seja levada a cabo com ânimo aberto, de modo que, baseando-se em argumentos científicos, cada um possa emitir retamente um juízo ético sobre os diversos modos de atuar na pesquisa biomédica».

Entre os firmantes do manifesto figuram, entre outros, o professor Eduardo Primo Yúfera, Premio Jaime I; os

acadêmicos Ramón Llamas, Adriano García Loygorri, Carlos Sánchez del Río, Pedro Jiménez Guerra, Guillermo e Víctor Jiménez; os catedráticos em Bioquímica Concepción Abad, Eduardo Arilla, Eduardo García Peregrín, Ignacio Núñez de Castro, Esteban Santiago e José M. Vega; os catedráticos de Biología Celular José Manuel García Verdugo, Antonio Pellín e Ricardo Paniagua; os catedráticos de Fisiología José M. Estrela e José Viña; os catedráticos de Química Orgânica Ramón Mestres e José María Marinas; o de Histología, Amando Peydró; o de Anatomia e Embriología Humana Francisco Sánchez do Campo; o de Genética, Nicolás Jouve da Barreda; e o catedrático de Patología Cirúrgica, Carlos Vara.

---

## Reação em cadeia

---

### Reação em cadeia

Na base da bomba atômica está uma reação em cadeia que leva à libertação de grandes quantidades de energia. A grande questão que se colocava aos cientistas era saber como parar reação de forma a que o seu efeito fosse local. Como é obvio, fazer uma bomba que vai matar longe pareceu aceitável; agora, fazer uma bomba que entrava numa reação em cadeia, interminável, e que acabava por matar os próprios americanos, já lhes pareceu completamente inaceitável.

Portanto, os arquitetos da bomba tiveram de garantir uma bomba que matava aquelas pessoas MAS só aquelas pessoas. A descoberta que permitiu controlar a reação ficou a dever-se ao físico italiano Enrico Fermi. O resto da história toda a gente conhece.

Naturalmente, os cientistas poderiam ter começado por discutir se uma bomba atômica é aceitável. Mas agora isso não interessa. Deste episódio tristíssimo, o que nos interessa reter agora é que os cientistas só deram a bomba por pronta quando descobriram a forma de travar o processo.

Da mesma forma se pode questionar a legitimidade de entrar no útero da mãe e trucidar a frio um ser humano que já lá está a crescer e desenvolver-se. Isto pode-se questionar e é a isso que estas páginas estão dedicadas. Mas por momentos vamos colocar-nos na posição dos defensores do aborto e dos cientistas que fizeram a bomba. Vamos assumir que abortar e riscar uma cidade do mapa são atos aceitáveis em certas circunstâncias.

Tal como no caso da bomba, para aceitar legalizar o aborto é preciso começar por garantir que o processo vai matar aqueles seres humanos mas só aqueles. Como é obvio, se dissessem ao pró-aborto ANTÓNIO que -sem margem para erro- legalizar o aborto é o início de uma reação em cadeia que levará ao assassinio legal do próprio ANTÓNIO, este rejeitaria o aborto do mesmo modo que os cientistas rejeitaram a bomba descontrolada.

Assim, a si que tem idéias sobre a legalização do aborto, convidamo-lo a ser um outro Fermi.

Tome algum tempo para refletir sobre os seus próprios argumentos: usando-os repetidamente, poderíamos legalizar o aborto até quando? Tente provar que a legalização do aborto não é o início de uma reação em cadeia, completamente descontrolada, e que vai acabar por nos matar a todos... dentro da maior legalidade.

Para que todas as pessoas percebam que isto não é um questão fútil, seguem-se alguns exemplos.

1. Em 1984 a Zita Seabra liderou o processo de legalização do aborto. Este foi legalizado em certos casos até às 12 semanas. Mais tarde, sem ninguém dar conta e sem qualquer contestação social, o aborto foi legalizado até às 16 semanas (é o processo descontrolado!!). Em 1997 a Zita Seabra declarou-se contra os projetos de lei mas, naturalmente, ninguém quis saber da sua opinião. Sem a legalização de 84 não haveria os projetos de 97. Portanto, a Zita Seabra iniciou uma reação em cadeia que a ultrapassou completamente e que ela, embora tentasse, não conseguiu travar.

2. Nos perto de 60 países do mundo que neste momento têm aborto a pedido (i.e., basta que a mãe peça o aborto para que lhe seja feito), a legalização começou pelo aborto em caso de violação e deficiências graves. Ou seja, aceitou-se o aborto nos chamados Hard Cases como primeiro passo para aborto em All Cases. Mais uma vez tivemos um processo que não se conseguiu travar... a menos que a idéia fosse mesmo essa...

3. Em 1973 os EUA legalizaram o aborto a pedido até aos nove meses. Depois foram feitas mais e mais legalizações intermédias até que em 1986 legalizaram a morte de bebês recém-nascidos, a pedido dos pais, no caso de terem alguma deficiência. Portanto, os Estados Unidos da América, a maior potência científica, econômica e militar de todos os tempos, no apogeu do seu poderio, legalizaram o infanticídio.

4. Em 1997 foi usada a seguinte argumentação em Portugal: "há certas deficiências que só podem ser detectadas depois das 16 semanas. Se a lei não permite abortar depois das 16 semanas é o fim do diagnóstico pré-natal em Portugal porque não se pode dizer ao casal que o filho é deficiente mas que já não o pode abortar".

Qualquer pessoa observa facilmente que este argumento pode ser usado até aos nove meses e mesmo depois disso: "há deficiências que só podem ser detectadas às 30 (ou 40, 41, 42, 50) semanas. Impedir o aborto (infanticídio) antes das 30 (ou 40, 41, 42, 50) semanas é o fim do diagnóstico pré-natal em Portugal porque não se pode dizer ao casal que o filho é deficiente mas que já não o pode abortar".

Em boa verdade este argumento é o fim do diagnóstico pos-natal. Proibir o infanticídio acaba com a pediatria porque nenhum médico pode dizer ao casal que o seu filho é deficiente mas já não o podem matar. Mais uma vez temos o processo desenfreado.

5. A reação em cadeia leva a seguinte trajetória de legalizações:

- (a) Aborto cada vez em mais casos por razões econômicas será o próximo passo e até mais tarde a meta, para já, são os cinco meses ;
- (b) Infanticídio de deficientes como nos EUA ;
- (c) Eutanásia inicialmente será voluntária mas tendencialmente passará a obrigatória pela aplicação de leis indiretas: supressão total ou parcial de benefícios da Segurança Social ou a possibilidade legal da família poder decidir pelo parente;
- (d) Esterilização forçada dos deficientes, dos criminosos e dos idiotas que já começou na China, já foi feita na Suécia, etc.;
- (e) Eliminação sumária dos deficientes profundos;
- (f) Eliminação de deficientes e idiotas (QI<30,40);
- (g) Eutanásia cada vez em mais casos: dos loucos, dos "homeless", dos deficientes de trabalho a mais de 90%, etc.
- (h) Aborto semi-forçado de bebês com deficiências menores. O Governo recusar-se-á a pagar o tratamento, por exemplo, de bebês que vão precisar de hemodiálise e os pais, não tendo como pagar, vêm-se forçados a abortar ;
- (i) Aborto semi-forçado de pessoas com deficiências genéticas que só se manifestarão aos 5 (10, 15, 20, 30, 50 ou 60) anos.
- (z) O último a morrer apague a luz.

6. Os cientistas aceitaram riscar duas cidades japonesas do mapa. O problema era evitar que a reação em cadeia não riscasse todos os homens da Terra. Fermi descobriu como fazê-lo. Os pró-aborto aceitam (em certos casos) matar bebês dentro da mãe. O problema é evitar que a reação em cadeia (de legalizações sucessivas) não chegue a matar todos os homens da Terra.

Alguém consegue explicar como se pára o processo?

7. Uma resposta possível será confiar no bom-senso dos homens. Mas esse tem falhado completamente. Os prazos e casos em que é permitido o aborto não param de aumentar; a eutanásia já está aí: discutida seriamente em muitos países, legalizada em alguns; o infanticídio é abertamente defendido por filósofos pró-aborto e já está legalizado nos EUA; experiências científicas com bebês vivos foram feitas nos anos 70 e 80 Não! Não foi na China! Foi na América e na Europa de Leste e Oeste e os resultados foram publicados em revistas científica; a esterilização de sub-pessoas como os deficientes mentais é discutida freqüentemente. Tudo coisas que há trinta anos seriam consideradas perfeitas aberrações.

Segundo estudos realizados nos países onde há eutanásia legal, nota-se uma ansiedade anormal entre os idosos, revelando estes um pânico de ficarem doentes e recusando-se a serem vistos por médicos, a receberem a família e, acima de tudo, a levarem injeções. Tudo isto porque temem que todos -médicos, família, assistente social- estejam combinados para lhes dar uma "morte digna". Longe dos estudos acadêmicos, causou impressão a carta do escritor Morris West. Sofrendo de doença terminal foi um dia convidado pela assistente social a aceitar uma "morte digna", convite a que ele reagiu com a máxima violência e verbal, mas que dá uma idéia de quão voluntária é a "eutanásia legal". Também num país onde a eutanásia é permitida dentro de condições "muito restritas" um estudo concluiu que mais de 50% dos "eutanasiados" não deram o seu consentimento pessoal ao ato.... O leitor quer passar a sua velhice nesta angústia?

(Juntos pela Vida)

---

## **Aborto - Direito ou Crime?**

*Revista Espírita Allan Kardec*

O primeiro dos direitos naturais do homem é o direito de viver. O primeiro dever é defender e proteger o seu primeiro direito: a vida.

O mais elementar direito humano é o de nascer. Os outros liberdade, educação, saúde, trabalho, justiça, cidadania - só ganham sentido se houver o ser humano para desfrutá-los. Cercar o direito à vida é negar todos os demais.

A Humanidade se divide na hora de definir em qual momento a vida tem início. Seria na concepção? Seria antes? Seria depois ? Em torno desta divergência surge a dúvida sobre a legitimidade do aborto. Grupos pró e contra levantam suas bandeiras, centrados no foco de seus respectivos interesses.

Há posições das diversas ciências como psicologia, antropologia, medicina. Há postulados morais e religiosos. Há as diferentes correntes sócio-políticas.

No meio desta Babel, fomos buscar informações com o Grupo Arte-Nascente, jovens que se dedicam à pesquisa do assunto e a ações de valorização da vida.

## **O Brasil e o Aborto**

O Brasil é o país mais cristão do mundo. A quase totalidade de sua população está distribuída entre os segmentos católico, evangélico e espírita. No entanto, carrega um troféu nada lisonjeiro, frontalmente contrário aos princípios cristãos: é o campeão mundial do aborto, onde a taxa de interrupção supera a taxa de nascimento. A cada hora,

168 crianças deixam de nascer. Cerca de 30% dos leitos hospitalares reservados à Ginecologia e Obstetrícia são ocupados por pacientes sofrendo conseqüências de abortos provocados.

Embora haja mulheres de todas as idades e condições sócio-econômicas variadas, a maioria é de adolescentes, despreparadas para assumir a maternidade ou apavoradas com a reação dos pais e da sociedade.

Esta situação fez surgir no país grupos dispostos a legalizar o aborto, torná-lo fácil, acessível, higiênico, juridicamente correto. Os argumentos são os mais diversos: o direito da mulher sobre o seu próprio corpo, as condições sócio-econômicas para educar um filho, a violência sexual contra a mulher, problemas de má formação fetal, gravidez indesejada, rejeição do filho pelo pai, e as más condições em que são realizados os abortos clandestinos.

No Congresso Nacional há um projeto de lei PL 20/91, favorável ao atendimento do aborto legal pelo Sistema Único de Saúde. Em contrapartida houve um projeto de emenda constitucional PEC 25A/95 que pretendeu incluir no texto da Constituição o direito à vida "desde a sua concepção".

Num universo de 524 deputados, apenas 32 foram favoráveis. Os demais foram contra ou se omitiram.

Os grupos pró-aborto acreditam que estão agindo da forma correta e que defendem a vida. Talvez estivessem, se o feto fosse apenas um apêndice do corpo.

### A voz da Ciência

A verdade como sempre, vem da Espiritualidade Superior, manifestada nas várias religiões, e depois é confirmada pela Ciência, voz capaz de convencer ao mais incrédulo ser.

É o que está acontecendo em relação à concepção e ao aborto. Os inúmeros relatos mediúnicos, confirmam que o feto é uma vida cujo advento foi preparado minuciosamente por tecnologia ainda muito além da compreensão dos mais renomados cientistas. As condições do corpo, as condições de nascimento, tudo é preparado de forma adequada ao cumprimento do seu roteiro de provas, expiações e missões. Interromper a gravidez é impedir que o espírito evolua, que resgate seus débitos ou que cumpra missão de apoio à sua mãe e familiares, a quem está ligado há incontáveis encarnações. As conseqüências são negativas, desarticulando a saúde física da mãe e desequilibrando ambos os espíritos.

Para confirmar estes fatos ou aprofundar a análise, o leitor poderá recorrer às obras de Kardec, Emmanuel, André Luiz e muitos outros, à disposições nas livrarias espíritas.

Estas afirmações estariam restritas ao campo filosófico-espiritual, se a ciência, ainda que tímida, não as confirmasse. Inúmeros estudos comprovam a existência de vida desde o momento da concepção: Brandley Patten, em seu livro "Human Embriology" explica que o zigoto, formado pelo espermatozóide e o óvulo, é um ser humano, um novo indivíduo dotado de vida nova e pessoal. "O feto não é apenas uma massa celular viva, nem um simples pedaço do corpo da mãe, mas um ente autônomo que depende da alimentação materna."

Jérôme Lejune, especialista em genética fundamental afirma "a vida começa na fecundação. Quando os 23 cromossomos masculinos transportados pelo espermatozóide se encontra com os 23 cromossomos do óvulo da mulher, todos os dados genéticos que definem o novo ser humano já estão presentes. A fecundação é o marco do início da vida. Daí para frente, qualquer método artificial para destruí-lo é um assassinato."

E. Nathanson, ginecologista, ex-diretor da maior clínica abortiva do mundo, apresentou declarações, referentes ao aborto, defendendo a condição humana do feto. "Talvez alguns pensem que antes de meus estudos devia saber, já que era médico e, ademais, ginecologista, que o ser concebido é uma criatura humana...

Efetivamente, eu sabia, porém não havia comprovado eu mesmo e de modo científico... hoje, com técnicas modernas se pode tratar dentro do útero muitas enfermidades, e também efetuar até cinquenta espécies de operações cirúrgicas. São estes os argumentos científicos que mudaram o meu modo de pensar, e este até agora o meu argumento. Se o ser concebido é um paciente a quem se pode tratar até cirurgicamente, então é uma pessoa e se é uma pessoa, tem direito à vida e também tem direito a que nós, médicos e pais, procuremos conservá-la." Quem já teve oportunidade de assistir a filmes intra-uterinos dos processos abortivos verificou o silencioso terror dos fetos e sua desesperada luta para sobreviver. São filmes muito mais impressionantes que aqueles que retratam a violência, os assassinatos espetaculares tão ao gosto do Homem do Século XX. Por si só, convencem sobre a realidade da vida, a partir da concepção.

Num ponto, Ciência e Religião já caminham juntas: em raríssimos casos, o aborto pode ser aceito, se a gravidez oferece risco à vida da mãe. Neste caso é preciso optar pelo ser que existe há mais tempo e que se encontra em plena tarefa evolutiva. Neste caso, a Espiritualidade aplica recursos que permitam ao espírito do filho desligar-se da mãe de maneira menos traumática possível e aguardar uma nova oportunidade de reencarnar-se. Vale ressaltar que nem mesmo no caso de estupro, o aborto é aceito. Se a mãe não tiver condições de criar o filho, por motivos psicológicos, econômicos ou outros, melhor é entregá-lo à adoção, se possível a familiares.

### Qual é a solução ?

O respeito à vida, desde que se inicia é fundamental. O acaso não existe, portanto, mulher nenhuma engravida por acaso. O espírito que a ela se liga, no momento da concepção, é alguém que depende dela para crescer, educar-se, evoluir.

O assunto porém, não está afeto apenas à mulher. O pai tem sua parcela de responsabilidade e deve apoiar a ambos, mãe e filho.

Hoje, graças aos testes de DNA, dificilmente alguém poderá fugir a esta responsabilidade.

A sociedade também tem preponderante papel neste caso. Em lugar de apoiar o aborto, discriminar a mãe solteira, incentivar a excessiva liberdade sexual e aceitar passivamente que milhões de homens rejeitem seus filhos, nascidos de ligações lícitas e ilícitas, deve assumir outras ações mais eficientes.

A primeira delas é o incentivo à educação dos jovens sobre métodos de planejamento familiar, saúde sexual e suas implicações morais.

Cientistas, políticos, educadores e comunicadores podem, e devem, reavaliar suas ações em relação ao aborto, a partir do reconhecimento que ele é um assassinato, e como tal deve ser combatido.

Até agora, os órgãos governamentais e a mídia tem tratado os problemas sociais, combatendo apenas o efeito.

Um exemplo é o gasto de milhões de reais em confecção e distribuição de preservativos bem como a veiculação de peças publicitárias paliativas e inócuas.

Centrar as ações na remoção das causas será gratificante. O apoio aos pais carentes, através de política de combate aos males sociais como desemprego, falta de acesso à educação e saúde, aliado a intensa campanha de informação, são caminhos a tomar.

Os resultados não serão imediatos. Mas se houver a participação de cada um, em seu respectivo campo de ação, as soluções surgirão ao longo dos anos. Gradativamente, o aborto deixará de ser uma prática comum para tornar-se medida de exceção, somente utilizada em caso de risco de vida.

Nossa esperança é que as gerações futuras conheçam o aborto como hoje conhecemos a guilhotina: um primitivo meio de execução, perdido na memória dos tempos.

Edição de Nº 32

---

Na fase inicial da audiência pública em que o Supremo Tribunal Federal (STF) discute o uso de células-tronco embrionárias em terapias e pesquisas científicas, especialistas defenderam a continuidade dos estudos sobre o tema. A audiência, inédita no STF, começou às 9h desta sexta-feira (20) e mobiliza diversos cientistas. Mais de 20 pesquisadores foram convidados para participar da discussão.

Com o auxílio deles, os ministros vão discutir quando a vida humana começa. O Supremo vai julgar uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) que impede a pesquisa com células-tronco de embriões no Brasil.

As pesquisas com células-tronco embrionárias foram aprovadas no Brasil em março de 2005, com a Lei 11.105/05, a Lei de Biossegurança. Em maio do mesmo ano, o então procurador-geral da República, Cláudio Fonteles, entrou no STF com uma ação pedindo que as pesquisas fossem proibidas. Ele alegou que os estudos ferem o direito de embriões, citando um artigo da Constituição Federal (CF).

Diante da polêmica, o relator do processo, ministro Carlos Ayres Britto, resolveu convocar a audiência pública para que o STF possa chegar a um entendimento.

Discussão ampla

Ouvido no início da manhã, o presidente da Sociedade Brasileira de Neurociências e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Stevens Rehen, um dos palestrantes, disse que a questão religiosa, que permeia o debate, é preciso ser levada em conta. Mas ressaltou que, para ele, a discussão é mais ampla do que isso.

"Existe potencial de utilização terapêutica, mas o mais importante é a possibilidade de se pesquisar essas células. Sem pesquisa não vai haver tratamento algum. Esse é o ponto crucial. As religiões variam, a cristã crê que a vida tem início com a fecundação, mas outras religiões são diferentes. Vivemos num país plural, é importante respeitar

todas as religiões, mas esse é um dos pontos que devem ser discutidos", disse.

Relator da Lei de Biossegurança aprovada pelo Congresso, o deputado Tarcísio Perondi (PMDB-RS) disse que o Parlamento já se posicionou sobre o tema. E que espera que o Supremo referende a decisão dos parlamentares.

"O debate está em um enfoque errado. Querem discutir se [o uso da] célula tronco- embrionária é aborto ou não. Não é aborto. O Congresso se definiu e tenho plena confiança que o Supremo vai respeitar essa decisão. A questão de quando a vida começa é para os teólogos discutirem. Os cientistas precisam se preocupar com salvar milhares de vida. Isso abre uma janela de esperança. Não podemos impedir as pesquisas para que daqui a 20 anos o SUS mande doentes para o exterior", declarou.

--

### Uma questão religiosa?

Para muitos pró-aborto a legitimidade do aborto é absolutamente óbvia e as pessoas que se opõem ao aborto, os pró-vida, fazem-no por razões religiosas. Assim, discutir com os pró-vida é pura perda de tempo uma vez que na base da sua posição está a questão da existência de Deus ou a observância de umas regras morais da Idade Média.

Pois bem: nada disto corresponde à verdade.

Para começar, leia-se este excerto do caso Roe vs Wade (redigido por um juiz pró-aborto, como se sabe): "Nem sempre se tem em conta que as leis que proíbem o aborto na maioria dos Estados são relativamente recentes. Essas leis, que em geral proíbem o aborto consumado ou tentado em qualquer altura da gravidez salvo quando é necessário para salvar a vida da grávida, não têm origem em tempos remotos. Antes, essas leis foram aprovadas, na maior parte dos casos, nos finais do século XIX..."

Como se vê a proibição do aborto não vem da Idade Média: vem de finais do século XIX! Mas, de qualquer forma, será que na origem das leis que proíbem o aborto estão motivos religiosos?

Em poucas palavras pode-se dizer o seguinte. O aborto foi sempre muito perigoso e, por isso mesmo, era raro: quando se fazia, normalmente, implicava a morte da mãe. Por esta razão o aborto não merecia atenção especial dos legisladores nem da sociedade.

Por seu lado, a Igreja Católica condenava o aborto (o aborto aparece explicitamente condenado na primeira página de um escrito cristão datado dos anos 75 a 150 - o Didaké -) mas os seus teólogos e moralistas discutiam diferentes graus de gravidade (conforme o bebé já estivesse "vivo" ou não). Para ilustrar este facto, bastará dizer que para defender o aborto, em 1984, Zita Seabra citou S. Tomás de Aquino, o mais genial teólogo da História.

Por volta de 1750 encontrou-se uma técnica de aborto que, embora continuasse a matar muitas mães, constituiu um enorme progresso. A consequência imediata desta descoberta foi que, depois da revolução francesa, O ABORTO FOI LEGALIZADO EM MUITOS PAÍSES.

Mas o aborto foi legalizado tendo por base os conhecimentos científicos da época. (Grosso modo, cada espermatozóide é um homem que se limita a crescer dentro do útero). Em 1843, o cientista Martin Berry descobriu o processo de reprodução tal como é hoje conhecido. Imediatamente, MÉDICOS e CIENTISTAS iniciaram uma grande campanha para proibir o aborto.

A afirmação que todos pensam ter sido inventada pelo Vaticano "a vida humana começa no momento da concepção", data, de facto, dessa campanha iniciada pelos cientistas no século passado. O parlamento inglês baniu o aborto em 1869 aprovando o "Offences Against the Person Act". A American Medical Association em dois relatórios (1857 e 1870), estabeleceu sem margem para dúvidas que o aborto era inaceitável. Na sequência dos dois relatórios da AMA, o aborto foi proibido praticamente por toda a parte.

Desde aí fez-se alguma descoberta que invalidasse as conclusões de então? NÃO! Todas as descobertas (genéticas, bioquímicas, citológicas, fetológicas) têm provado e confirmado até à náusea a afirmação dos cientistas do século XIX: a vida humana começa no momento da concepção! E este é o facto científico que está na origem das leis anti-aborto que existem (ou existiam).

O leitor interessado em aprofundar a questão poderá consultar J. Dellapenna, The History of Abortion, Technology, Morality, and Law, University of Pittsburgh Law Review, 1979.

Para que se possa apreciar até que ponto a posição pró-aborto está cheia de preconceitos (anti-religiosos), leia-se este excerto de um livro publicado por um professor universitário de filosofia:

"Quando no meu departamento decidimos criar uma disciplina sobre Contemporary Moral Issues, no Massachusetts



Institute of Technology (MIT), eu opus-me à inclusão no currículo da questão do aborto. Parecia-me que no aborto, de facto, não havia questão nenhuma -- a oposição ao aborto só tinha como suporte algumas pretensões teológicas de valor duvidoso. Contudo, quando o aborto se tornou um dos tópicos do curso, eu percebi rapidamente que estava enganado. De facto, à medida que eu estudava o assunto tornou-se cada vez mais evidente, para minha grande surpresa, que havia razões para pensar que o aborto nem sempre é aceitável. Este livro é o resumo das considerações que me levaram a essa conclusão."

Cf. Baruch Brody, *Abortion and the Sanctity of Human Life*. A philosophical V&W Press, 1975.

(Juntos pela Vida)

--

A ética do aborto

[Rakkel](#)

18/3/07

Abortamento é, segundo uma definição obstétrica, a perda da gravidez antes que o embrião e posterior feto seja potencialmente capaz de vida independente da mãe. O processo é também chamado aborto, embora em termos científicos esta palavra designe o resultado da ação.

No Brasil, está legalizado em determinados casos: se não houver outro meio de salvar a vida da gestante, se a gravidez resultar de estupro e a futura mãe desejar interrompê-la, os médicos poderão praticar um aborto sem serem punidos (artigo 128 do Código Penal). Fora esses dois casos, trata-se de um crime previsto por lei, e nisso está incluído o abortamento voluntário.

Mas que bases são utilizadas pra determinar algo como criminoso ou não? Até que ponto as questões morais servem como embasamento para reger a sociedade? A ética em torno de questões como o aborto, geralmente vêm permeadas por influências religiosas. As igrejas cristãs, por exemplo, sejam católicas ou protestantes, fundamentam suas doutrinas no ponto crucial do respeito à vida humana, da igualdade de todos perante a Deus, por isso, o feto também já seria considerado como ser vivo e não poderia ser morto. As descobertas científicas do século XX não foram assimiladas pela teologia. A maioria dos estudos conhecidos nessa área datam das últimas décadas, porque até então a força da Igreja católica era maior e impedia que verbas fossem aplicadas em pesquisas nesse setor da ciência, por receio que as inovações pudessem ir contra as leis divinas.

Além do que, partindo já desde os primórdios da humanidade, a mulher sempre foi inferiorizada, sendo culturalmente educada para se casar e ter filhos, como objetivo máximo a ser alcançado. Apesar de muito dessa repressão já estar sendo modificada, ainda restam traços marcantes, como o fato de a mulher ser obrigada perante a lei, a Igreja e os valores morais e éticos, a ter um filho quando esse já está sendo gerado, mesmo que ela saiba que talvez não tenha condições financeiras e/ou psíquicas de educar uma criança nesse período.

O controle pelas mulheres de sua reprodução representaria um poder político importantíssimo; dessa forma, só colocaram filhos no mundo quando a maternidade não as impedisse de ser economicamente independentes e quando julgassem ter tempo disponível para a criação de um bebê.

No entanto, as leis brasileiras (porque em alguns países de primeiro mundo como a Alemanha e Estados Unidos, o aborto é liberado), ao proibirem o abortamento, acabam induzindo milhares de mulheres a recorrerem a clínicas clandestinas privadas, onde muitas vezes são submetidas a métodos anti-higiênicos. Algumas morrem e grande parte delas chegam de urgência aos hospitais. A questão é que em um momento de desespero, frente à uma mudança brusca do ritmo de vida, pretensões futuras ou dificuldades financeiras, independente da lei, da ética ou do que quer que seja, grande parte das mulheres acabam pensando em abortar e muitas só não o realizam por medo de que a finalização da gravidez não seja efetivada de maneira concreta podendo causar ainda um filho com problemas físicos e/ou mentais.

Certas questões éticas a esse respeito surgem a todo o momento. Por que os bebês de proveta seriam permitidos então? Os cientistas reimplantam diversos óvulos fecundados em cada tentativa para tentar engravidar uma mulher, a fim de aumentar as probabilidades de acerto. Se a Justiça considera um atentado à vida o aborto voluntário, por que não considera criminoso o cientista que obtém "seres vivos" sabendo de antemão que uma alta porcentagem deles vai "morrer"?

Talvez porque mais uma vez iremos nos deparar com questões repressoras, onde a mulher muitas vezes é considerada apenas uma "incubadora" para os filhos. Dessa forma, quando é para abortar, a finalização do óvulo é considerado crime, no entanto, quando é para manter o que a sociedade impõe ao seu papel, a gravidez, tal recurso é permitido.

A abordagem utilitarista não reconhece valores morais individuais, encaixando-se na proposta desse artigo, que propõe uma defesa ao ato do aborto.

A ética utilitarista representa uma das mais influentes teorias no campo da Filosofia Moral Contemporânea. Trata-se de um interlocutor obrigatório em qualquer estudo específico sobre esta temática. Por isso, toda tentativa de rediscussão e redefinição dos conceitos morais existentes requer a priori uma tomada de posição em relação às idéias colocadas por esta linha de pensamento. Os postulados dessa ética utilitarista são bem conhecidos. Na verdade, o ponto de partida pode ser indicado por aquilo que se denomina princípio da utilidade, a ser formulado da seguinte maneira: uma ação é *uti* e, portanto justa, ética e correta, quando traz mais felicidade do que sofrimento aos atingidos. Deste modo o prejuízo de alguns poderia ser justificado pelo benefício de outros, desde que estes estivessem em maior número (cálculo de maximização do bem). (ALVES,2006)

Para refletir se o aborto é permissível, o utilitarista não se preocupa com questões como o direito da mulher sobre o seu corpo ou sobre o direito à vida do feto. A questão primordial nessa corrente filosófica é apenas saber se o ato de abortar afeta o bem estar dos envolvidos.

Como o feto não é considerado como dotado de bem-estar, portanto não tendo nenhum interesse envolvido, fica evidente que esses não possuindo um estatuto moral, abortá-los é totalmente ético e permissível. Sendo assim, o utilitarista define que a destruição de um feto não senciente, longe de ser equiparável ao homicídio, está na mesma categoria moral que a destruição de um vegetal <http://www.spfil.pt/filpub/EticadoAborto.pdf>

A ética utilitarista não acredita na universalidade da moral, propondo que todo o debate que surja nesse sentido, sempre estará impregnado de uma subjetividade pessoal e única do indivíduo. Dessa forma, o utilitarismo refere-se a um raciocínio ético, devido a possibilidade de justificarmos nossos atos através de percepções individuais. No entanto, toda opinião formada está imersa em um caráter universal. Segundo esse raciocínio, surge a necessidade de uma ética utilitarista, pois essa traria juntamente uma consideração pelo interesse dos outros. Segundo ALVES, a conjugação dos meus interesses com os dos outros faria surgir então o inevitável cálculo da maximização dos benefícios e minimização dos prejuízos. Portanto o utilitarista seria a ética mínima, dentro da pretensão da universalidade inerente ao raciocínio ético.

Partindo desses pressupostos, a ética do aborto, segundo a proposta desse artigo, está construída segundo a história de vida do indivíduo. No entanto, estará sempre impregnada de uma visão social, internalizada desde a infância. São estruturas de pensamento aprendidas já na escola e que de acordo com Pascal apud Morin, acabam comandando o nosso discurso inconscientemente.

O equilíbrio, dentro dessa perspectiva, seria a defesa do ato do abortamento, visto que assim beneficiaria tanto a mãe, aquela que no momento não pretende ter um filho, quanto a sociedade brasileira, onde a população cresce em um ritmo demasiadamente acelerado. O aumento excessivo e descontrolado da população é a principal causa da miséria no país. Seria desumano apresentar mais um ser à sociedade, sem que ele tivesse acesso à saúde, habitação, alimentação e disposição dos pais para criá-lo, assegurando-lhe uma condição no mínimo digna de vida.

Sendo assim, fica evidenciado a meu ver, que àqueles que lutam pelo direito à vida do embrião, acabam por negar a existência dos direitos humanos adquiridos pela mulher muito antes da existência do feto. Feto este que só teria uma vida digna e justa se tivesse um investimento bio-psíquico por parte dos pais, caso contrário, seria injusto tanto com a criança quanto com a sociedade, dispor de mais um ser humano sem condições suficientes de sobrevivência. A ética utilitarista vem nesse sentido auxiliando o entendimento da questão e propondo diversos argumentos lógicos nesse sentido. A legalização do abortamento simplesmente daria o direito a cada um escolher o que é melhor para si, ao contrário de uma imposição de lei que possa causar grandes transtornos no futuro, tanto para a mãe, quanto para a criança.

#### Bibliografia:

- ALVES, Rafael <http://www.geocities.com/filosofiasf/rafael03.htm> acessado em 18 de novembro de 2006, às 15h e 28min.

- <http://www.spfil.pt/filpub/EticadoAbortoIntro.pdf> acessado em 17 de novembro de 2006, às 14h e 09min.

- MORIN, E. Complexidade e ética da solidariedade. Em: CASTRO, G. (org). Ensaio de complexidade. Porto Alegre: Sulina, 1997.

- SPINOZA, Baruch de. Ética. Tradução: Lívio Xavier. Tecnoprint, RJ, 1993.

- PRADO, Danda. O que é aborto. Editora Brasiliense. São Paulo, 1985.

Os postulados desta ética utilitarista são bem conhecidos. Na verdade, o ponto de partida pode ser indicado por aquilo que se denomina princípio da utilidade, a ser formulado da seguinte maneira: uma ação é *útil* e, portanto, justa, ética e correta, quando traz mais felicidade do que sofrimento aos atingidos. Deste modo, o prejuízo de alguns poderia ser justificado pelo benefício de outros, desde que estes estivessem em maior número (cálculo de maximização do bem).

## Feto e Aborto - Que diz a ciência?

João Araújo

No século XIX descobriu-se que a partir da concepção tínhamos um novo ser humano e que, por isso, o aborto consistia em matar deliberadamente um ser humano inocente. Interessa, pois, saber se desde então foi feita alguma descoberta científica que anulasse ou questionasse as descobertas desse século.

Os livros a seguir citados são usados em cerca de 80% das Faculdades de Medicina dos Estados Unidos da América e em muitos outros países do mundo. Os sublinhados foram acrescentados ao texto.

**"Zigoto. Esta célula resulta da fertilização de um oócito por um espermatozóide e é o início de um ser humano."** Cada um de nós iniciou a sua vida como uma célula chamada zigoto. (K. L Moore. The Developing Human: Clinically Oriented Embryology (2nd Ed., 1977), Philadelphia: W. B. Saunders Publishers)

**"Da união de duas dessas células [espermatozóide e oócito] resulta o zigoto e inicia-se a vida de um novo indivíduo."** Cada um dos animais superiores começou a sua vida como uma única célula. (Bradley M. Palten, M. D., Foundations of Embryology (3rd Edition, 1968), New York City: McGraw-Hill.)

**"A formação, maturação e encontro de uma célula sexual feminina com uma masculina, são tudo preliminares da sua união numa única célula chamada zigoto e que definitivamente marca o início de um novo indivíduo."** (Vesley Arey, Developmental Anatomy (7th Edition, 1974). Philadelphia: W. B. Saunders Publishers)

**"O zigoto é a célula inicial de um novo indivíduo."** (Salvadore E. Luria, M. D., 36 Lectures in Biology. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology (MIT) Press)

**"Sempre que um espermatozóide e um oócito se unem, cria-se um novo ser que está vivo e assim continuará a menos que alguma condição específica o faça morrer."** (E. L. Potter, M. D., and J. M. Craig, M. D Pathology of the Fetus and the Infant, 3rd Edition. Chicago: Year Book Medical Publishers, 1975.)

**"O zigoto (...) representa o início de uma nova vida."** (Greenhill and Freidman's, Biological Principles and Modern Practice of Obstetrics)

Como já se disse o valor científico destas afirmações é inquestionável, pois constam dos livros adotados pela maioria das Faculdades de Medicina dos EUA.

Em 1971 o Supremo Tribunal de Justiça dos EUA pediu a mais de duzentos cientistas, entre os mais prestigiados especialistas americanos, que elaborassem um relatório sobre o desenvolvimento embrionário. Esse documento diz o seguinte:

**"Desde a concepção a criança <sup>(1)</sup> é um organismo complexo, dinâmico e em rápido crescimento. Na sequência de um processo natural e contínuo o zigoto irá, em aproximadamente nove meses, desenvolver-se até aos trilhões de células do bebê recém-nascido. O fim natural do espermatozóide e do óvulo é a morte, a menos que a fertilização ocorra. No momento da fertilização um novo e único ser é criado, o qual, embora recebendo metade dos seus cromossomos de cada um dos progenitores, é completamente diferente deles."** (Amicus Curiae, 1971 Motion and Brief Amicus Curiae of Certain Physicians, Professors and Fellows of the American College of Obstetrics and Gynecology, Supreme Court of the United States, October Term, 1971, No. 70-18, Roe v. Wade, and No. 70-40, Doe v. Bolton.)

Em 1981 o Senado dos EUA estudou a chamada Human Life Bill. Para o efeito ouviu durante oito dias os maiores especialistas do mundo na questão (americanos e não só). Ao todo foram feitos cinquenta e sete depoimentos. No final, o relatório oficial dizia o seguinte:

**"Médicos, biólogos e outros cientistas concordam em que a concepção marca o início da vida de um ser humano - um ser que está vivo e que é membro da nossa espécie. Há uma esmagadora concordância sobre este ponto num sem-número de**

publicações de ciência médica e biológica (Report. Subcommittee on Separation of Powers to Senate Judiciary Committee 5-158. 97th Congress. 1st Session 1981. p. 7.).

## Conclusão

1. **A partir do momento da concepção, do ponto de vista biológico, temos um ser vivo. A expressão "ser vivo"** parece nesta frase com o mesmo valor e significado com que aparece na frase "A Rainha da Inglaterra, do ponto de vista biológico, é um ser vivo".

2. Este ser vivo está individualizado.

3. Este ser vivo pertence a uma espécie definida: a espécie à qual pertencem todos os seres humanos. Portanto:

4. **A partir do momento da concepção, do ponto de vista biológico, temos um ser vivo, individualizado e humano.** As palavras têm todas exatamente o mesmo valor e significado com que aparecem na afirmação "A Rainha da Inglaterra, do ponto de vista biológico, é um ser vivo, individualizado e humano".

Está completamente fora de dúvidas que o aborto mata um ser humano. Aos defensores do aborto resta explicar como se pode defender a morte arbitrária de seres humanos inocentes.

(1) No original: "From conception the child (...). Muitas pessoas pretendem que o aborto não mata um bebê: o que mata é um feto. É curioso notar que duzentos especialistas americanos elaboraram um texto onde começam por se referir à "criança" e não ao feto ou ao zigoto. Também no livro de Baruch Brody, Abortion and the Sanctity of Human Life, MIT Press, 1975, ele afirma que enquanto não conseguir distinguir feto de criança rejeitará a palavra feticídio usando indistintamente a palavra homicídio.

João Araújo, Aborto Sim ou Não?

Fonte: site [Aldeia](#)